



# EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

**Maria Lucia M. Carvalho Vasconcelos\***

 <https://orcid.org/0000-0002-8775-9436>

**Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos\*\***

 <https://orcid.org/0000-0001-5529-4606>

**Como citar este artigo:** VASCONCELOS, M. L. M. C.; BASTOS, N. M. O. B. Educação em tempos de pandemia. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 1-8, maio/ago. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLE-TDO2114613

**Submissão:** junho de 2021. **Aceite:** junho de 2021.

**Resumo:** Objetiva-se refletir sobre o contexto educacional nestes tempos de pandemia – o impacto na educação e suas dinâmicas, o impacto na atuação docente, o impacto nos discentes e suas famílias. Sabemos que assolou o mundo um vírus denominado coronavírus, que causa a doença Covid-19, sobre o qual inúmeras notícias com versões aterrorizantes e desencontradas foram veiculadas pela mídia em geral (rádio, televisão, internet, redes sociais). O ano de 2020 iniciou e os diversos governos ao redor do mundo assumiram diferentes posicionamentos. Escolas foram fechadas, transferindo-se as aulas presenciais para modalidades remotas. Alteraram-se, ainda, as relações sociais e de trabalho, que passaram a ser realizadas em ambiente virtual. Vivendo esse pandemônio, professores tiveram que se reinventar, adaptando-se à nova realidade ao ministrarem suas aulas e dando, assim, continuidade ao ano letivo. Ao busca-

\* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: marialucia.vasconcelos@mackenzie.br

\*\* UPM, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: neusamaria.bastos@mackenzie.br

rem as mais diversas maneiras de se utilizar os meios digitais com aulas síncronas e assíncronas, os professores, usando seus próprios recursos e abrindo suas casas para a entrada da escola, conseguiram realizar o seu trabalho. Essa situação não afetou apenas professores, mas alunos, famílias, agentes da educação e a própria concepção tradicional de ensinar e aprender. Este artigo pretende, portanto, trazer à luz, não só as dificuldades enfrentadas, como também algumas reflexões que podem nos conduzir a mudanças efetivas no modo de compreender o que é a prática educacional e o que é o ambiente escolar e seus agentes.

**Palavras-chave:** Educação. Pandemia. Ensino remoto. Práticas educacionais. *Ensino on-line*.

## INTRODUÇÃO

■ **E**m 2020, assolou o mundo um vírus denominado coronavírus, que causou a Covid-19, impactando, de modo surpreendente, a população mundial. A seu respeito, inúmeras notícias com versões aterrorizantes e desconstruídas foram veiculadas pela mídia em geral (rádio, televisão, internet, redes sociais). Ao redor do mundo, os diversos governos assumiram diferentes posicionamentos, mas a necessidade do isolamento social se impôs e, em decorrência disso, as relações sociais e de trabalho foram alteradas e passaram a ser realizadas em ambiente virtual.

Com relação à educação escolar, tal processo não poderia ser diferente. Escolas foram fechadas, transferindo-se as aulas presenciais para modalidades remotas. Vivendo esse pandemônio, professores tiveram que se reinventar, adaptando-se à nova realidade ao ministrarem suas aulas e dando, assim, continuidade ao ano letivo.

De acordo com Dias e Pinto (2020), no que diz respeito à educação em geral, conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco): “a crise causada pela Covid-19 resultou no encerramento das aulas em escolas e em universidades, afetando mais de 90% dos estudantes do mundo” (UNESCO, 2020 *apud* DIAS; PINTO, 2020, p. 1).

E continuam:

*A nosso ver, por mais que a economia dos países sofra com a pandemia, os investimentos em Educação devem ser mantidos, quiçá aumentados. Conforme a Unesco, a natural queda na aprendizagem poderá alastrar-se por mais de uma década se não forem criadas políticas públicas que invistam em melhorias de infraestrutura, tecnologias, formação, metodologias e salários, além do reforço da merenda, melhor aproveitamento do tempo, tutoria fora do horário usual das aulas e material adicional, quando possível (UNESCO, 2020). Em concordância com a Unesco, o parecer do Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação do Brasil, seguiu a mesma linha e reconheceu os problemas causados pela pandemia. O parecer procurou reorganizar as atividades acadêmicas e sinalizou com a permissão para aulas aos sábados – em horários de contra-turno e durante as férias –, para que os alunos da Educação Básica não percam o ano letivo e apontou outras medidas semelhantes àquelas já defendidas pela Unesco (DIAS; PINTO, 2020, p. 1).*

Neste contexto turbulento de reinvenção do processo de ensino-aprendizagem presencial, ao buscarem as mais diversas maneiras de se utilizar dos meios digitais em suas aulas, síncronas e/ou assíncronas, os professores, recorrendo a seus próprios recursos e abrindo suas casas para a entrada da escola, conseguiram realizar o seu trabalho.

Entender esse processo, suas dificuldades e as estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas por docentes dos diversos níveis de ensino da educação formal é o objetivo deste artigo, que introduz o presente dossiê.

## A EDUCAÇÃO NA ENCRUZILHADA

A escola brasileira é uma instituição em crise permanente. Sua qualidade é muito questionada, bastando verificar alguns resultados de suas avaliações para que se tenham argumentos nesse sentido<sup>1</sup>. Os problemas, de múltiplas origens e de difícil solução, passam por questões de poucas e equivocadas políticas públicas voltadas para a área, de má gestão das escolas e dos órgãos centrais responsáveis pelo setor, de desigualdades sociais que reverberam no desempenho dos estudantes, de desvalorização do profissional da Educação, entre muitas outras.

Neste artigo, não temos a pretensão de discutir os problemas acima mencionados, mas, sim, a partir da concretude dos impasses vividos no dia a dia das escolas nestes tempos pandêmicos, voltarmos o olhar para a realidade que se impôs à educação nacional neste momento.

As práticas de ensino na maioria das escolas brasileiras continuam sendo, ainda hoje, muito tradicionais, ou seja, excessivamente conteudistas, trabalhando conteúdos de modo descontextualizado, centradas na figura do professor – muitas vezes, autoritário –, insensível à voz do educando, sendo, ainda, pouco dialógicas e, raramente, reflexivas. É contra tais práticas que, no mundo todo e não só aqui, desde as décadas de 1960/1970, diversas teorias críticas começaram a ganhar espaço nos meios educacionais. É contra essa educação domesticadora que muitas vezes começaram a ser ouvidas.

Essas teorias críticas ressaltam alguns aspectos importantes e que serão aqui destacados – entre eles, a percepção de que o aluno é, afinal, o centro do processo. O aluno é objeto central na medida em que para ele existe e se pensa a educação formal, mas é também seu sujeito, pois a ele cabe, em última análise o processo de seu aprendizado. São teorias que estimulam a autonomia de pensamento do alunado, que passa a, criticamente, perceber o mundo que o cerca e perceber-se nele.

Ao professor, sem que sua importância seja diminuída, cabe o papel de partícipe do processo, dividindo a responsabilidade do ensinar e aprender com seus alunos, sem deixar, no entanto, de gerir, planejar e executar a tarefa de ensinar. Espera-se dele um fazer pedagógico que seja crítico, comprometido com a melhoria da sociedade e com a formação de cidadãos igualmente responsáveis e participativos no processo de desvelamento das desigualdades perpetuadas pela omissão e/ou pelo preconceito.

---

<sup>1</sup> Em 2018, entre os 79 países que participaram da avaliação realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), conhecida como Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Programme for International Student Assessment [Pisa]), considerando a margem de erro adotada pela pesquisa, o Brasil estava entre o 58° e 60° lugar em leitura, 66° e 68° em ciências e 72° e 74° em matemática (PISA, 2019).

O nome exponencial dessa visão de educação é Paulo Freire, para quem a pedagogia crítica e radical

*[...] parte da inquietação com a certeza de que as certezas não mais existem. Desse modo, quanto mais a pedagogia entende que o óbvio não é tão óbvio, que os instrumentos não são mais tão definitivos e que os conhecimentos evoluem constantemente, mais ela fica rigorosa na busca de novas formas de conhecer (VASCONCELOS; BRITO, 2019, p. 150).*

As relações institucionais – internas e externas – foram profundamente alteradas. Professores e alunos passaram a reunir-se virtualmente sem o abrigo da escola e a tecnologia foi o caminho imediato encontrado, mas nem sempre acessível e/ou de qualidade. As famílias, nem sempre atentas e presentes no processo educacional de seus filhos, foram envolvidas sem que se perguntasse a elas o que, de fato, desejariam ou poderiam fazer, enquanto a maioria esmagadora dos professores não se encontrava preparada para o ensino remoto. Os alunos, no centro de toda essa mudança, tiveram, a seu modo e nas suas circunstâncias, de buscar novas formas de aprender, de se envolver e de responder a toda essa demanda inesperada.

## **O PROFESSOR NA ENCRUZILHADA**

Diante de um fechamento abrupto das escolas para as aulas presenciais, impôs-se o ensino remoto e, de um dia para o outro, os professores, com as condições de que dispunham, tiveram de lançar mão de seus aparelhos (microcomputadores, iPads, *smartphones*), de suas redes (banda larga), de sua criatividade para atender a demandas institucionais. Trata-se aqui de todos os docentes, de todos os níveis de ensino (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior), das mais variadas instituições (públicas e privadas), dos mais diversos níveis sociais.

Se formos dimensionar os problemas vividos pelo professor, podemos iniciar pelas redes, que são um recurso físico por meio do qual se pode acessar a internet, geralmente usando *wi-fi*, por meio de uma rede de área local sem fio (WLAN) e com um roteador conectado a um provedor de serviços da internet. Sabemos que nem todos possuem tais recursos e que tudo isso demanda um valor alto, pois quanto maior for o uso, maior será o investimento financeiro, por exemplo, em uma banda larga. Gerou-se, a partir daí, um problema para o professor que não tinha todos os seus alunos em “sala de aula virtual”, e não conseguia vê-los na tela do computador, tendo a sensação de que poderiam estar em outro local, ou dormindo, quem sabe!

Há, ainda, que se citar a questão dos aparelhos eletrônicos, pois nem todos os professores possuíam, no início da pandemia, o equipamento de última geração para enfrentarem a situação pandêmica que se lhes apresentava. Mesmo em 2021, o problema persiste, pois o custo é alto e os salários não aumentaram.

Lê-se em Valente (2020), no que tange aos dispositivos eletrônicos, que:

*Em relação ao dispositivo, os smartphones e outros aparelhos móveis são as ferramentas mais comuns para se conectar (99%), seguidos dos computadores (42%), das TVs (37%) e dos videogames (9%). A alternativa por televisores cresceu 7% de 2018 para 2019, mostrando um novo recurso para a conexão.*

*Do total de usuários, 58% o fazem apenas por essa tecnologia. Em 2014, o percentual era maior pelo computador (80%) do que pelo celular (76%), e desde então a tendência se inverteu. No recorte por características socioeconômicas, a exclusividade do acesso móvel foi maior no campo (79%) do que nas cidades (56%), entre pretos (65%) do que entre brancos (51%) e nas classes D e E (85%) do que na A (11%).*

*A dependência de muitos brasileiros dos dispositivos móveis impacta a qualidade dos acessos, uma vez que esta modalidade possui franquias com quantidade limitada de dados, o que restringe a quantidade de serviços que podem ser utilizados ao longo do mês.*

O trabalho do professor aumentou muito, pois além de ter preparado as suas aulas presenciais para o primeiro semestre de 2020, teve que readaptá-las para o ensino remoto síncrono e, por vezes, assíncrono, gravando, em ambos os casos, todas as aulas para disponibilizá-las para os alunos e para as instituições de ensino. Todos esses movimentos de adaptação de aulas vividos pelos docentes ocorreram enquanto eles dispunham apenas de seus próprios recursos, uma vez que as instituições educacionais não se preocuparam em fornecer nenhum auxílio extra para o professor adquirir os equipamentos necessários, como câmeras, redes eficazes etc. Há ainda que se ressaltar aqui a diversidade de níveis sociais dos professores que se viram diante da necessidade de melhorar seus equipamentos, fato que descortinou uma questão econômica até então não planejada.

Tudo isso acarretou também problemas psicológicos como afirmam Maia e Dias (2020):

*Não podemos esquecer que saúde física e saúde mental andam juntas. A duração prolongada do confinamento, a falta de contato pessoal com os colegas de classe, o medo de ser infectado, a falta de espaço em casa – torna o estudante menos ativo fisicamente do que se estivesse na escola –, e a falta de merenda para os alunos menos privilegiados são fatores de estresse que atingem a saúde mental de boa parte dos estudantes da Educação Básica e das suas famílias. Estimular a solidariedade, a resiliência e a continuidade das relações sociais entre educadores e alunos nesse período é fundamental, pois ajuda a minorar o impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes. Agora, importa prevenir e reduzir os níveis elevados de ansiedade, de depressão e de estresse que o confinamento provoca nos estudantes em quarentena.*

O professor teve que buscar uma variedade de formas de atuação, que até então, eram desconhecidas pela maioria. Toda generalização é perigosa e, na maioria das vezes, injusta. Documentos legais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já apontavam para a necessária presença de estratégias de ensino apoiadas em recursos tecnológicos, mas a implantação dessas recomendações não é uma realidade em todo o território nacional, com participação desigual dos professores e acesso nem sempre possível por parte de todos os estudantes.

Como exemplo, tomamos o caso específico do professor de nossa língua materna, em cuja postura democrática deve conter a relevante presença de estratégias de ensino apoiadas em recursos tecnológicos, o que tem sido implantado, infelizmente, em apenas alguns locais de nosso território. E, ainda, no que diz

respeito ao ensino de variedades linguísticas, deve ser utilizada, no ensino virtual, a mesma prática do ensino presencial, apresentando textos diversos com vários registros de uma linguagem para adaptar, seletivamente, a expressão a um determinado auditório ou finalidade. Segundo Bastos e Brito (2018, p. 195), quanto à diversidade de estratégias, devemos mesclar a teoria e a prática no que tange à utilização da língua:

*A democratização do ensino consiste em que o professor não acastele o seu aluno na língua culta, pensando que só a língua culta é a maneira que ele tem para se expressar; nem tampouco aquele professor populista que acha que a língua deve ser livre, e, portanto, o aluno deve falar a língua gostosa e saborosa do povo, como dizia Manuel Bandeira. Não, o professor deve fazer com que o aluno aprenda o maior número de usos possíveis, e que o aluno saiba escolher e saiba eleger as formas exemplares para os momentos de maior necessidade, em que ele tenha que se expressar com responsabilidade cultural, política, social, artística etc. (BASTOS; BRITO, 2018, p. 195).*

Uma outra decorrência a ser apontada refere-se ao problema financeiro da educação infantil. Muitas das escolas para essa faixa etária pertencem à rede privada de ensino e várias delas – escolas pequenas demais e sem infraestrutura tecnológica – faliram, acarretando o desemprego de seus professores.

Nesse processo de uma nova maneira de se fazer Educação, viu-se também o aluno diante de uma insuspeitada realidade: a do ensino *on-line*. Estavam todos preparados para isso? Claro que não!

As desigualdades sociais, ferida aberta com a qual o país convive, mostraram-se presentes em toda a sua crueldade. O ensino remoto requer acesso à tecnologia, que, efetivamente, não se encontra disponível a todos os alunos e tampouco na mesma medida. Afirmar que todos os alunos e todas as escolas tiveram iguais condições de acesso às aulas remotas seria uma falácia inquestionável e uma afirmação leviana.

Afastados de seu cotidiano de convivência que a escola proporciona, os estudantes viram-se, repentinamente, privados da riqueza da experiência do convívio social e da camaradagem.

Mais de um ano se passou desde que o primeiro caso de Covid-19 foi diagnosticado no Brasil. Hoje, as escolas recebem alunos em dias alternados e em grupos reduzidos, pois o ensino *on-line* é ainda uma realidade inquestionável.

Some-se a tudo isso o agravante do distanciamento entre professores e alunos. A importância da relação professor-aluno se agiganta por causa do distanciamento. O indispensável respeito ao aluno, visto como sujeito do processo de ensino-aprendizagem, e que se constitui na base de uma educação democrática, foi posto em questão. O necessário diálogo entre docentes e discentes foi dificultado pelas telas de computadores e celulares, pela baixa qualidade de equipamentos e pelo desigual acesso à internet.

Segundo Paulo Freire (1992, p. 69), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. O professor hoje se vê diante de uma dificuldade adicional, a de conseguir que seus alunos se mantenham presentes em uma aula na qual ele sequer consegue ter todas as câmeras ligadas – aliás, quantos alunos as têm?

Por outro lado, além das aulas síncronas, com as dificuldades acima mencionadas, há também o recurso das aulas assíncronas, quando a interação professor-aluno não ocorre em tempo real. Acomodam-se, assim, alguns problemas tecnológicos, mas a interação fica prejudicada. E há, ainda, o material escrito, disponibilizado por muitas escolas aos alunos que não têm acesso à tecnologia e precisam acompanhar seus cursos/aulas. Tais “apostilas” devem ser retiradas nas secretarias das escolas e os exercícios sugeridos, depois de respondidos pelos alunos, são devolvidos à escola para a correção pelo professor.

Afetados por todas essas incertezas e pela nova realidade, professores e alunos reinventam-se a cada dia. Algumas das práticas didático-pedagógicas hoje experimentadas sobreviverão; muitas delas, inclusive, já eram praticadas por professores empenhados em trazer para o universo pedagógico uma linguagem mais próxima e atraente ao aluno. O ensino híbrido já era prática corriqueira em algumas escolas. No entanto, como será a aula de amanhã, não podemos, com segurança, afirmar. Foram múltiplos os modelos adotados diante das incertezas e dificuldades, mas o que, afinal, se constatou e com bastante constância foi a volta da aula expositiva em sua mais tradicional acepção: o professor fala e os alunos ouvem.

A conclusão deste artigo aponta, com muita clareza, para a figura do professor que, diante de uma situação inesperada e angustiante, enfrentou a diversidade sem interromper o seu trabalho.

## EDUCATION DURING COVID-19 PANDEMIC TIMES

**Abstract:** This work intends to reflect on educational context in these times of pandemic: the impact on education and its dynamics – impact on education and its dynamics, the impact on teaching performance, the impact on students and their families. We know that a virus called coronavirus, which causes Covid-19, has devastated the world. Several news regarding the virus were broadcasted in terrifying and mismatched versions on the media in general (radio, television, internet, social networks). The year of 2020 started and different governments around the world took different positions. Schools were closed and classes were transferred to remote modalities. The social and work relationships were also changed, which began to be carried out in a virtual environment. Living this pandemonium, teachers had to reinvent themselves by adapting their classes to the new reality and continuing the school year. By seeking multiple ways to use digital media with synchronous and asynchronous classes, the teachers, using their own resources and opening their homes to the school, managed to do their job. This situation affected not only teachers, but students, families, education agents and the traditional conception of teaching and learning. This article, therefore, intends to enlight not only the difficulties faced during this period, but also to bring some reflections that can lead us to effective changes in educational practices, the school environment and its agents.

**Keywords:** Education. Pandemic. Remote learning. Educational practices. *Online teaching.*



**REFERÊNCIAS**

BASTOS, N. B.; BRITO, R. P. de. Gramática normativa: ensino, consciência e liberdade. *Revista Confluência*, v. 1, n. 55, p. 183-197, 2018. DOI 10.18364/rc.v1i55.274. Disponível em: <http://llp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/274>. Acesso em: 8 jun. 2020.

DIAS, E.; PINTO, F. C. F. “A Educação e a Covid-19”. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 28, n. 108, p. 545-554, 2020. DOI 10.1590/S0104-40362019002801080001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/mjDxhf8YGdk84VfPmRSzcn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 8 jun. 2020.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, e200067, p. 1-8, 2020. DOI 10.1590/1982-0275202037e200067. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/k9KTBz398jqfvDLby3QjTHJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 mar. 2020.

PISA – Ranking de educação mundial: entenda os dados do Brasil. *Lyceum*, São Paulo, 26 jul. 2019. Disponível em: <https://blog.lyceum.com.br/ranking-de-educacao-mundial-posicao-do-brasil/>. Acesso em: 14 dez. 2020.

VALENTE, J. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 19 mar. 2020.

VASCONCELOS, M. L.; BRITO, R. H. P. *Conceitos de educação em Paulo Freire*. 6. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: MackPesquisa, 2019.